

TER E HAVER: O USO VARIÁVEL NA LÍNGUA FALADA EM SALVADOR

*Cristiane de Sousa Dutra**

1. INTRODUÇÃO

Qualquer indivíduo membro de uma comunidade deve adquirir muito mais do que os traços formais ou estruturais de sua língua. Ele deve passar por um processo de socialização — obter um conhecimento dos valores sociais e culturais de sua sociedade, subordinando-se às limitações impostas por ela ao seu comportamento, inclusive o lingüístico.

É importante que não só a competência lingüística seja destacada, mas a competência comunicativa, porque muitas limitações são impostas ao indivíduo que deseja ascender na sua profissão, ou mesmo socialmente, pelo uso da modalidade oral ou escrita, baseada naturalmente em sua fala. Além disso, é fundamental a compreensão da diversidade lingüística através do reconhecimento tanto de dialetos e sistemas, inclusive da impossibilidade de se explicar certos fenômenos lingüísticos quando não se considera os fatores responsáveis pela variação observada na fala de certas parcelas da população.

Faz-se necessário, portanto, admitir-se que sistemas distintos de língua são igualmente válidos para as necessidades específicas de seus usuários, ao invés de se pensar que as variedades da língua são deturpações de alguma norma padrão. A norma de fala padrão, socialmente prestigiada, e a fala não-padrão, estigmatizada socialmente, são conflitantes.

Para se compreender o papel do comportamento lingüístico na mobilidade social, é essencial determinar o modo pelo qual diferentes variáveis lingüísticas correlacionam-se com certas características sociais. Este é o método sociolingüístico de análise que norteia este trabalho, desenvolvido por William Labov, em meados da década de 60, e conhecido como Teoria da Variação ou Sociolingüística Quantitativa. Esta última denominação deve-se ao fato desse modelo oferecer aos dados um tratamento estatístico que proporciona a verificação da frequência de aplicação de uma regra e a influência dos fatores internos e externos à língua.

Assim, é possível afirmar que a Sociolingüística tem como objetivo detectar as variações da estrutura lingüística e da estrutura social buscando as causas que justificam as variações: classe social, sexo, profissão, valorização e desvalorização dos grupos, grau de escolarização, faixa etária, etc. Diante deste quadro, a língua é considerada como fenômeno heterogêneo, uma vez que está voltada tanto para a análise dos fatores lingüísticos, como para os extralingüísticos, o que convém acrescentar ser a língua um fator principalmente condicionado pelos caracteres extralingüísticos, pois é na fala, segundo Saussure, que ocorre a maior parte das variações e mudanças lingüísticas.

Através dos dados e de sua análise quantitativa, pretende-se examinar a influência do fator nível de escolarização na alternância dos verbos *ter* e *haver*, na língua falada em Salvador, comparando os dados obtidos em nossa pesquisa de mestrado que consiste na descrição e análise dessa variação em orações existenciais na norma culta de Salvador, com os fornecidos pelo *corpus* do Programa de Estudos sobre o Português Popular Falado em Salvador, o *PEPP*. Também busca-se determinar as relações entre o fenômeno em questão e outros fatores sociais como idade e sexo e verificar se se trata de uma variação estável ou de uma mudança em curso.

* Professora das Faculdades Jorge Amado, Faculdade Ruy Barbosa e Mestra pela Universidade Federal da Bahia.

2. TER E HAVER EM ORAÇÕES EXISTENCIAIS

No latim pós-clássico, registram-se casos em que *habere* aparece em orações existenciais concorrendo com o verbo *ser*, como se pode constatar no exemplo apresentado por Sampaio (1978, p. 9-10):

Doni est multum vinum (em casa há muito vinho).

Segundo a autora, o emprego de *habere* como impessoal é antigo, encontram-se exemplos em obras de Flávio Volpisco e São Jerônimo datadas dos séculos IX e X, respectivamente. Para Sampaio, talvez o exemplo mais antigo desse verbo na Espanha seja o fragmento geográfico publicado por J. Leclercq, *Hispania Sacra II*.

Mattos e Silva ao examinar a Carta de Pero Vaz de Caminha, texto do final do século XV, verificou que:

É haver o verbo existencial utilizado, ou seja, é o verbo que ocorre em estruturas que não solucionam sujeito, mas um sintagma nominal interpretado como complemento direto e um elemento locativo expresso por sintagma preposicional ou por um seu substituto adverbial. (MATTOS e SILVA, 1996. p. 186)

Ela registrou ocorrências dos advérbios *hi – y – i* e *aqui* na posição de locativo, como por exemplo:

- a. *se perdeo da frota vaasco datayde com a sua naao sem **hy aver** tempo forte-ne contrareo.*
- b. *Dese inhamo que **aquy há** muito.*

O processo de esvaziamento semântico de *haver*, que se efetivou no século XVI, criou condições para que o verbo *ter* invadisse a esfera da oração existencial que era privativa de *haver*.

A língua falada, evoluindo mais rápido que a escrita, sentiu a necessidade de alternar completamente *haver* por *ter*, uma vez que a primeira forma verbal, por ter perdido sua aceção, dificultava a comunicação. O verbo *haver* confundia-se foneticamente no presente do indicativo com o artigo *a* e, no perfeito, com o verbo *ouvir*.

Ribeiro (1993, p. 373) coletou exemplos do uso de *ter e haver* em orações existenciais na obra de “Os Lusíadas” de Camões:

- a. e assim caminha
*Para a povoação, que perto **tinha**.*
- b. *Que aqui gente de Cristo não **havia**.*

Ter em sentenças existenciais pode-se encontrar documentado também na *Peregrinação de Fernão Mendes Pinto e Itinerário da Terra Santa de Fr. Pantaleão de Aveiro*, conforme se constata nas seguintes passagens indicadas por Sampaio (1978, p. 60-64):

- a. *Na fronteira deste pátio, onde estava a escada por onde subião para cima, **tinha** hum grande arco lavrado...*
- b. *Dentro da cidade & arrebaldes **tem** vinte conventos de religiosos & vinte e quatro de religiosas.*

De acordo com a pesquisadora, até o século XIX, o uso do verbo *ter* em orações existenciais continuava a aparecer mais na modalidade falada; contudo, podia ser encontrado também em alguns textos literários.

O movimento de reabilitação da língua falada, o qual começara no Romantismo, atingiu seu apogeu no século XX com o Modernismo que passou a valorizar os elementos criativos da língua corrente. Assim, o emprego do *ter* impessoal entrou definitivamente na modalidade escrita.

Alguns escritores modernos utilizam o verbo *ter* em suas célebres obras. Verifiquem-se os trechos a seguir:

a. *Em Passárgada tem tudo*

É outra civilização

Tem um processo seguro

De impedir a concepção

Tem telefone automático

Tem alcalóide à vontade

Tem prostitutas bonitas

Para a gente namorar.

(BANDEIRA, 1958. p. 207)

b. *No meio do caminho **tinha** uma pedra*

tinha uma pedra no meio do caminho

tinha uma pedra

*No meio do caminho **tinha** uma pedra.*

(ANDRADE, 1959. p. 15)

Os fatos apresentados documentam a presença de *ter* em construções existenciais no português do Brasil. Alguns estudiosos da língua mencionam-na como um traço característico do português do nosso país. Said Ali manifesta-se da seguinte forma:

*O mais conhecido caso de conflito entre a explicação e a realidade é o da oração existencial. Insiste-se em assegurar, com os olhos abotoados, que **há** homens é exatissimamente o mesmo que **tem** homens. Só não se recomenda, como o pediriam a justiça e a coerência, o uso da segunda dicção por tão boa como a primeira (SAID ALI, 1957. p. 117-18).*

A questão hoje é semelhante ao que foi colocado pelo ilustre mestre em 1908, isto é, o aspecto da aceitabilidade do uso de *ter* nesse contexto para que esse verbo possa concorrer em igualdade de condições com *haver*.

Já Nascentes ressalta que:

*A substituição de **haver** impessoal por **ter** nada apresenta de espantoso. **Haver** foi perdendo esta significação que depois do século XVII a perdeu de todo. Em compensação **ter** foi invadindo a esfera de **haver** a ponto de substituí-lo quase completamente na formação dos tempos compostos. Não admira que usurpasse também a função impessoal (NASCENTES, 1953. p. 163)*

Enquanto Bueno salienta que:

Na língua popular do Brasil é corrente tal uso, não já na expressão do vulgo inculto, mas até na dos letrados quando falam descuidadosamente. Para que empregemos o impessoal há é – nos necessário certo esforço, certa volição especial,, tão entranhada está em nossos hábitos lingüísticos tal sintaxe. Assim dizemos: Tinha muita gente na festa. Tal uso não constitui brasileiro como julgam alguns mas é herança arcaica que se projetou até nos melhores clássicos do idioma (BUENO, 1958. p. 208).

Cardoso (1986) examinou o uso de *ter e haver* no português do Brasil numa dupla perspectiva: a do português rural e a do português urbano. Para o primeiro caso, utilizou-se das notas às cartas lingüísticas do *Atlas Prévio dos Falares Baianos e do Atlas Lingüístico de Sergipe*. Quanto ao português urbano, usou o *corpus* do Projeto NURC.

Ao analisar os dados, a autora chegou às seguintes conclusões:

- a) na zona rural, prevaleceu o uso de *ter*, registrando-se apenas duas ocorrências com *haver*, uma na Bahia e outra em Sergipe;
- b) Na zona urbana, os dados revelaram três categorias de uso: o verbo *ter* predominou em Porto Alegre, *ter e haver* obtiveram um equilíbrio no Rio de Janeiro e *haver* predominou em São Paulo, Salvador e Recife.

O emprego do verbo *ter* impessoal, além de aparecer nos dados do português do Brasil nos dias atuais, pode ser identificado também no crioulo da Guiné, no português dialetal de Portugal e no português africano de Angola e Moçambique.

Cardoso (1989), ao pesquisar sobre o crioulo de Cabo Verde, coletou algumas expressões existenciais com *ter*. Veja-se o exemplo abaixo:

*Kel tank **ten** pok ágwa (tem pouca água no tanque).*

Analisando a diversidade nos falares dialetais de Portugal, Saramago (1997) registrou alguns casos de orações existenciais com os verbos *ter* (25% de ocorrências) e *haver* (75% de ocorrências). De acordo com os seus dados, o uso de *ter* impessoal é um fato generalizado em todo território português, surge em pontos distantes como: Alenquer (região próxima a Lisboa), Boaventura (Madeira), Granja do Toledo (Douro), Montes Velhos (Sul), Vila Praia de Âncora (Minho).

Gärtner (1996), ao estudar o português africano, também encontrou ocorrências do *ter* impessoal como, por exemplo:

- a. *No armazém dele **tem** tubo.*
- b. *Na baixa não **tem** árvores.*

E diz que:

*Para Angola e Moçambique, onde o estabelecimento de uma relação com o português quinhentista carece de base na história social, parece mais razoável considerar o fenômeno como resultado do contato lingüístico. Dada a sinonímia parcial dos verbos **ter e haver**, os aloglotas terão preferido as formas mais tônicas do verbo **ter** às do verbo **haver**, generalizando, assim, uma tendência mais existente.*

Essa explicação encontra apoio no fato de o fenômeno ser também geral nos crioulos (GÄRTNER, 1996. p. 33).

3. METODOLOGIA

Para esta pesquisa utilizaram-se dois *corpora*. No primeiro, encontra-se a fala semi-espontânea, colhida em seis inquéritos do tipo DID (Diálogo entre Informantes e Documentador) tomado ao acervo do Projeto NURC, com duração média de quarenta minutos cada e compreendendo diversas áreas semânticas do conhecimento humano. A população analisada, nesse segmento, constitui-se de pessoas com nível universitário distribuídas da seguinte forma: sexo (masculino – 3 informantes, feminino – 3 informantes); faixa etária (25 a 35 anos, 46 a 55 anos e mais de 56 anos) com dois informantes cada.

O segundo *corpus* é formado a partir de um segmento do Programa de Estudos sobre o Português Popular Falado de Salvador, O PEPP¹ – composto de seis entrevistas com duração acima de 30 minutos – cujo tema escolhido retrata *A educação do passado em oposição à educação dos nossos dias*. Os informantes, nessa amostra, são pessoas com nível primário, distribuídos do seguinte modo: sexo (masculino – 3 informantes, feminino – 3 informantes); faixa etária (25 a 35 anos, 46 a 55 anos e mais de 65 anos) com dois informantes cada.

Quanto as variáveis sociais, controlou-se o SEXO, com o objetivo de verificar o desempenho lingüístico dos informantes e averiguar se a mulher, conforme a literatura pertinente, empregará mais a forma padrão *haver*, pois existe uma ampla literatura, indicando que homens e mulheres divergem em seu uso da língua.

No que diz respeito ao nível de ESCOLARIZAÇÃO, espera-se que falantes mais escolarizados apresentem uma maior conscientização lingüística e, portanto, utilizem mais a forma prestigiada *haver*.

Controlou-se ainda a FAIXA ETÁRIA, a fim de constatar se jovens e adultos, por estarem iniciando e exercendo plenamente seu potencial de trabalho, utilizarão com maior frequência a forma considerada prestigiada socialmente. Além disso, na impossibilidade de se analisar o processo de mudança lingüística, decorrente da variação no tempo real, procurou-se observá-lo no tempo aparente através de informantes de diferentes idades como nos três recortes citados anteriormente e segundo nota-se em Naro (1994, p. 84) “o processo de mudança se espelha na fala das sucessivas faixas etárias”.

¹ O PEPP foi criado a partir de uma sugestão da professora Rosa Virgínia Mattos e Silva ao tentar implementar, em Salvador, estudos sobre a concordância verbal e nominal. A orientação de todas as etapas do programa ficou sob o encargo da professora Myrian Barbosa da Silva. O PEPP busca suprir a carência de dados sobre o português falado pelos não-universitários. Assim possui como níveis de escolaridade a Primária (1 a 4 anos de estudo) e a Secundária (11 anos de estudo). Para a seleção de informantes desse programa, adotaram-se os mesmos critérios estabelecidos para o projeto NURC, ou seja, que eles e seus pais fossem naturais de Salvador ou que tivessem vindo para esta cidade ainda muito pequenos. Hoje fazem parte da organização do PEPP as doutorandas da UFBA: Constância Maria B. de Souza, Emília Helena M. de Souza e Norma da Silva Lopes. A constituição do programa tem tido o apoio da Universidade do Estado da Bahia, através do Departamento de Ciência Humanas da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação.

4. ANÁLISE DOS DADOS

4.1. FATORES SOCIAIS

4.1.1. SEXO

Estudos desenvolvidos no campo da Sociolinguística Quantitativa têm demonstrado diferenças entre homens e mulheres quanto ao papel de implementadores de variações e de mudanças linguísticas.

Labov (1990) enfatiza que, no processo de variação estável, as mulheres não podem ser consideradas simplesmente conservadoras, porém nota-se que elas preferem e empregam as formas padrão de maior prestígio, evitando formas estigmatizadas. Mas, nos processos de mudança linguística, ocorre um fenômeno oposto, porque, nesse caso, as mulheres tendem a ser mais inovadoras, usando as variantes não padrão.

Nas tabelas 1 e 2 encontram-se as ocorrências das variantes *ter* e *haver* distribuídas por sexo.

TABELA 1 – DISTRIBUIÇÃO DAS OCORRÊNCIAS DOS VERBOS TER E HAVER EM RELAÇÃO AO SEXO NO PRIMÁRIO

SEXO	TER	HAVER
Masculino	61 / 139 43,88%	7 / 10 70,00%
Feminino	78 / 139 56,12%	3 / 10 30,00%

TABELA 2 – DISTRIBUIÇÃO DAS OCORRÊNCIAS DOS VERBOS TER E HAVER EM RELAÇÃO AO SEXO NO SUPERIOR

SEXO	TER	HAVER
Masculino	135 / 195 69,23%	15 / 26 57,69%
Feminino	60 / 95 30,77%	11 / 26 42,31%

Examinando o fator sexo, observa-se que, no nível primário, as mulheres utilizam mais a variante *ter* (56,12%) do que os homens (43,88%).

Vê-se, portanto, que os resultados apontam para um processo de mudança linguística, pois as mulheres empregam com maior frequência a variante não padrão.

Apesar de alguns estudos mostrarem que o sexo feminino é mais cuidadoso, ou seja, mais preocupado com uma linguagem correta do que o masculino, neste caso se verificou o contrário.

A partir dos dados obtidos na tabela 2, nota-se que, no nível superior, os homens têm maior preferência pela forma não padrão *ter* (69,23%) do que as mulheres (30,77%).

Deste modo, os resultados indicam um processo de variação estável, visto que elas elegem a forma padrão de maior prestígio.

Constata-se, então, que os homens apresentam uma maior tendência à forma estigmatizada. A utilização freqüente da forma padrão pelas mulheres ocorre, de acordo com a literatura pertinente, devido a uma maior sensibilidade feminina às formas linguísticas prestigiadas socialmente e ao maior formalismo associado aos papéis femininos.

Assim, os resultados mostraram realmente que o comportamento lingüístico de ambos os sexos se enquadram no preconizado pela literatura pertinente.

4.1.2. FAIXA ETÁRIA

Em uma análise lingüística sincrônica, pode-se averiguar se o fenômeno em estudo corresponde a um processo de mudança ou de variação estável, através de sua ocorrência nas diferentes faixas etárias. Este fato acontece uma vez que o comportamento lingüístico dos falantes em relação aos dois processos é diferente. Caso a variante ocorra igualmente em todos os grupos de idade, pode-se estar diante de uma situação de variação estável. Se a variante ocorrer com maior frequência entre os jovens e o índice de ocorrência diminuir à medida que a idade avança, isto pode indicar um processo de mudança com vistas a implementação dessa variante. Entretanto, se acontecer o inverso, a variante ocorrer mais entre os falantes de maior faixa etária e for diminuindo gradativamente entre os grupos mais jovens, isto pode se caracterizar como um processo de mudança saindo do sistema.

As tabelas 3 e 4 demonstram a distribuição das ocorrências de *ter* e *haver* por faixa etária.

TABELA 3 – DISTRIBUIÇÃO DAS OCORRÊNCIAS DOS VERBOS TER E HAVER EM RELAÇÃO À FAIXA ETÁRIA NO PRIMÁRIO

FAIXA ETÁRIA	TER	HAVER
25 – 35 anos	42 / 139 30,22%	7 / 10 70,00%
45 – 55 anos	56 / 139 40,29%	0 / 10 0%
mais de 65 anos	41 / 139 29,50%	3 / 10 30,00%

TABELA 4 – DISTRIBUIÇÃO DAS OCORRÊNCIAS DOS VERBOS TER E HAVER EM RELAÇÃO À FAIXA ETÁRIA NO SUPERIOR

FAIXA ETÁRIA	TER	HAVER
25 – 35 anos	57 / 195 29,23%	13 / 26 50,00%
46 – 55 anos	47 / 195 24,10%	3 / 26 11,54%
mais de 56 anos	91 / 195 46,67%	10 / 26 38,46%

Os resultados fornecidos pela tabela 3 revelam que, no primário, o uso da variante não padrão é mais frequente entre os falantes adultos (40,29%) e os mais jovens (30,22%) enquanto que os idosos têm maior preferência pela variante padrão.

Desta forma, os resultados nos levam a interpretar o fenômeno como um processo de mudança em progresso.

Portanto, de posse dos dados acima, observa-se que a hipótese levantada inicialmente foi refutada, pois se esperava que tanto os jovens como os adultos empregassem mais o verbo *haver* em função de estarem iniciando e exercendo plenamente seu potencial de trabalho.

Logo, verifica-se que o uso da variante padrão prevalece nos grupos de idade mais avançada, que se mostraram mais conservadores e com tendências a utilizar a forma prestigiada socialmente, enquanto que os jovens e adultos preferiram a forma inovadora.

Já os dados obtidos na tabela 4 indicam que, no nível superior, o uso do verbo *ter* predomina entre os falantes com mais de 56 anos (46,67%) ao passo que os de idade intermediária e os mais jovens desfavorecem a aplicação da regra, uma vez que apresentam os seguintes percentuais de ocorrência (24,10%) e 29,23%) respectivamente. Vê-se, inclusive, que os últimos empregam a forma padrão de modo bem significativo (50%).

Assim, os dados revelam que o fenômeno se caracteriza como um processo de mudança com vistas ao desaparecimento dessa variante.

Neste caso, então, os resultados confirmam a hipótese inicial de que os grupos de menor idade elegem a forma *haver* como forma padrão devido a sua participação ativa no mercado de trabalho

4.1.3. NÍVEL DE ESCOLARIDADE

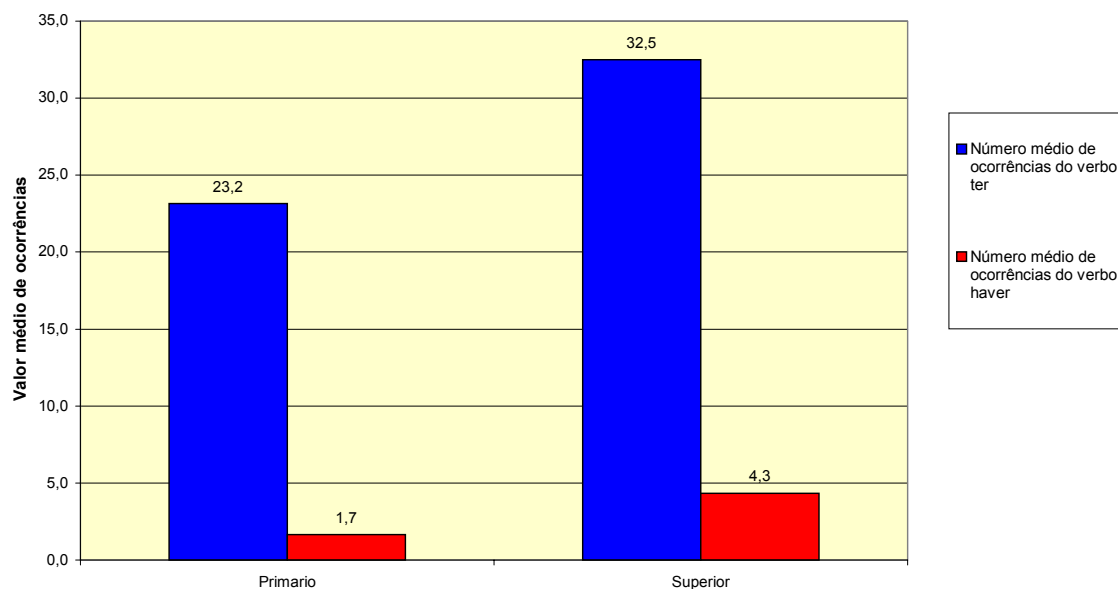
A influência do fator “escolaridade” tem sido objeto de pesquisas no estudo de diversos fenômenos variáveis. Para Bordieu (apud Silva, 1996, p. 63), a escolarização, juntamente com o mercado ocupacional, constitui o que se denomina *mercado lingüístico*, onde ocorrem as trocas simbólicas que compõem o universo das relações sociais.

Segundo Paiva (1994), a escola concentra o ensino na norma culta da língua e nas estratégias de domínio da modalidade escrita, encaminhando a maior parte de suas atividades para a leitura e para a escrita sem, porém, destacar as atividades “de ouvir”. Assim, “a própria fala acaba relegada a poucas oportunidades de relato de experiências, sem que os parâmetros gramaticais e discursivos sejam cobrados de forma sistemática”.

Os trabalhos de Mota (1979), Macedo (1981), apud Silva (1996), constataram que formas prestigiadas socialmente estão associadas a falantes com maior escolarização.

Analisando o fator nível de escolaridade, nota-se que esta se apresenta como um irrelevante condicionador para o estudo em questão, pois tanto no nível primário quanto no superior, os falantes utilizam mais a forma não padrão *ter* com número médio de ocorrências de 23,2 e 32,5, respectivamente. Verifique-se o gráfico abaixo.

Influência da variável nível de escolaridade em relação ao emprego dos verbos *ter* e *haver*



Os dados obtidos, portanto, não corroboram a hipótese de que universitários empregam mais a variante “standard”, já que eles preferiram a variante de menor prestígio social.

5, CONCLUSÃO

Apesar do pequeno universo lingüístico utilizado nesse trabalho, a investigação da alternância dos verbos *ter* e *haver* em orações existenciais, com base no *corpus* do NURC e do PEPP, ofereceu subsídios para que se pudesse descrever o comportamento lingüístico do falante de Salvador com relação a esse fenômeno.

Cientes de que a variação desses verbos não é aleatória, mas condicionada por determinados fatores sociais, destaca-se a atuação de cada um deles nesse estudo.

No primário, as mulheres tenderam a empregar mais a forma não padrão, em oposição aos homens, não ratificando o preconizado pela literatura pertinente. Os resultados demonstraram, nesse caso, um processo de mudança lingüística.

No nível superior, os dados indicaram um processo de variação estável, já que os homens preferiram a variante estigmatizada.

Com relação ao fator faixa etária, os dados obtidos revelaram que, no curso primário, os falantes de idade intermediária (45 a 55 anos) e os de maior idade (25 a 35 anos) elegeram a forma inovadora *ter* como a melhor. Tem-se, portanto, um processo de mudança em progresso. Os resultados, nesse caso, não confirmaram a hipótese levantada anteriormente.

Já no curso superior, observa-se um processo de mudança saindo do sistema, visto que os idosos usaram com maior freqüência a variante de menor prestígio social.

No que diz respeito ao fator nível de escolaridade é válido salientar que ele não se correlacionou positivamente com a variável, porque tanto os falantes não universitários quanto os universitários utilizaram mais a forma não padrão *ter*.

Por fim, espera-se que esta pesquisa sobre a variação *ter e haver* possa servir como contribuição para os estudos da língua falada, acrescentando mais informações para a caracterização dessa modalidade lingüística.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Carlos Drummond de. **Poemas**. Rio de Janeiro. Editora do Autor, 1960. p. 69.
- BANDEIRA, Manuel. **Poesia e prosa**. Rio de Janeiro: Aguiar, 1958. p. 207.
- BUENO, Francisco da Silveira. **A formação histórica da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1958. p. 207-209.
- CARDOSO, Eduardo Augusto. **O crioulo da ilha de São Nicolau de Cabo Verde**. Lisboa: Ministério da Educação, 1989.
- CARDOSO, Suzana Alice. Ter / Haver no português do Brasil. In: SIMPÓSIO SOBRE A DIVERSIDADE LINGÜÍSTICA NO BRASIL, 1986, Salvador. **Atas**. Salvador: UFBA/ IL, 1986. p. 223-26.
- DUTRA, Cristiane de Sousa. **Ter e haver na norma culta de Salvador**. 2000. 186. Tese (Mestrado em Letras) – Universidade Federal da Bahia, Salvador.
- GÄRTNER, Eberhard. Particularidades morfossintáticas do português de Angola e Moçambique. In: **Revista Confluência**. Rio de Janeiro: Lucerna, n. 12, 1996. p. 28-57.
- LABOV, William. The intersection of sex and social class in course of linguistic change. In: SANKOFF, D. *et al* (eds.). **Language variation and change**. Cambridge University Press. V. 2, n. 2. 1990.
- LOPES, Norma da Silva. PEPP, o estudo da fala popular de Salvador. In: GRUPO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS DO NORDESTE (GELNE), 2000, Salvador. **Atas**. Salvador: UFBA/ IL, 2000.
- MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. **A carta de Caminha: testemunho lingüístico de 1500**. Salvador: EDUFBA, 1996. p. 181-193.
- NARO, A. J. Idade. MOLLICA, M. C. (org.). **Introdução à sociolingüística variacionista**. 2 ed. Cadernos Didáticos UFRJ, Rio de Janeiro, 1994, p. 81-85.
- NASCENTES, Antenor. **O linguajar carioca**. 2 ed. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1955.
- PAIVA, M. C. Sexo. In: MOLLICA, M. C. (org.). **Introdução à sociolingüística variacionista**. 2 ed. Cadernos Didáticos UFRJ, Rio de Janeiro, 1994. p. 69-73.
- RIBEIRO, Ilza. A formação dos tempos compostos: a evolução histórica das formas ter, haver, ser. In: ROBERTS, Ian, KATO, Mary (orgs.). **Português brasileiro: uma viagem diacrônica**. 2. ed. Campinas: UNICAMP, 1996. p. 343-382.
- SAID ALI, Manuel. **Dificuldades da língua portuguesa**. 5. ed. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1957. p. 117-18.
- SAMPAIO, Maria Lúcia Pinheiro. **Estudo diacrônico dos verbos ter haver, duas formas em concorrência**. Assis: Nigro, 1978.
- SARAMAGO, João. **Amostra de dialetos**. Salvador: Instituto de Letras / UFBA, 1997.
- SILVA, G. M. O. e SCHERRE, M. M. P. (orgs.). **Padrões sociolingüísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro / Departamento de Lingüística e Filologia, UFRJ, 1996.